

LIMULJA, HANNA. **UMA ETNOGRAFIA DOS SONHOS YANOMAMI: O DESEJO DOS OUTROS**. SÃO PAULO: UBU EDITORA, 2022, 192 PP.

Lunara Caroline Nascimento Gomes*
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Publicada em 2022 pela editora Ubu, a obra *Uma etnografia dos sonhos yanomami: o desejo dos outros* foi baseada na tese escrita por Hanna Limulja, além disso, foi defendida em 2019, sob a orientação do professor José Antonio Kelly Luciani da Universidade Federal de Santa Catarina. O livro, dividido em cinco capítulos, é resultado do trabalho de campo realizado no período entre novembro de 2015 e fevereiro de 2017 entre os Yanomami da comunidade do Pya ú, na região Toototopi (Região próxima da fronteira de Roraima com a Venezuela).

A etnografia baseada na transcrição de mais de cem relatos de sonhos tem como objetivo principal a apresentação do lugar fundamental que o ato de sonhar e o próprio sonho desempenham na sociedade yanomami. No primeiro capítulo, nomeado *A gesta de Kopenawa*, a autora que estabelece um interessante diálogo com Davi Kopenawa, autor de *A queda do céu: palavra de um xamã yanomami* vai explanando aos leitores a importância do sonho para o grupo indígena em questão. O primeiro ponto a ser levado em consideração é que o sonho é o caminho de aprendizagem para o povo, sobretudo para os xamãs: “É a porta que os Yanomami abrem para a alteridade, o desconhecido, o distante. É através dessa abertura que eles conhecem o mundo ao redor, e dessa forma seu pensamento consegue se expandir. Enquanto os *napë pë* têm lápis e papel, os Yanomami têm seus sonhos”, (LIMULJA, 2022, p.51), afirma Kopenawa.

* Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPE); mestra em Estudos Literários (PPGL/UFPE); graduada em Ciências sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pesquisou no projeto Inventário Nacional de Referências Culturais do Maracatu Nação de Pernambuco (IPHAN) e no projeto Movimento Negro Unificado de Pernambuco: Redes e estratégias na luta contra o racismo (1980-2000) como bolsista de pesquisa do Laboratório de História oral e da imagem da Universidade Federal de Pernambuco. Contato: lunaracnascimento@gmail.com

Artigo Recebido em: 02/11/2022. Aceito em 25/05/2024

O meio de aprendizado proporcionado pela atividade do sonhar está permeado de elementos sociais fundamentais da cultura Yanomami como as narrativas mitológicas, os rituais xamânicos, as festividades e atividades cotidianas como as caçadas, além disso, o sonho também atrelado à dimensão política. Um ponto alto do capítulo e que merece destaque está relacionado à contraposição que Davi Kopenawa estabelece entre os sonhos indígenas e os sonhos dos brancos:

Como ele diz, os *napê pê* não sabem sonhar, ou melhor, sonham apenas consigo mesmos, o que, em última análise, são equivalentes no pensamento yanomami, pois o sonho que realmente importa é aquele motivado pelos outros – ou, como veremos, são os outros que motivam os sonhos yanomami. Quem sonha apenas consigo nunca sai de si; e, nesse caso, o mundo se torna pequeno demais. Por não sonharem longe, os *napê pê* ignoram os pensamentos de outros povos e lugares e, portanto, não concebem outra forma de pensar capaz de ir além daquela que experimentam. É por essa mesma razão que eles não conseguem ver a imagem das coisas e tampouco sonhar a floresta (LIMULJA, 2022, p.51).

A partir desse trecho, é possível perceber outra dimensão relevante que constitui o mundo dos sonhos yanomami, a coletiva. Através do sonho, é reconhecida uma relação entre a pessoa que sonha e a pessoa que pode aparecer no sonho, por exemplo. Além disso, é garantido o espaço para a narração dos sonhos à comunidade, uma vez que diz respeito ao grupo indígena como um todo. O tema é discutido no segundo capítulo *A origem da noite e o desabrochar das flores dos sonhos*:

O sonho yanomami, longe de se constituir como uma profecia irremediável, diz respeito a temas e a circunstâncias que podem ser contornados, mas para tanto ele precisa ser socializado. Contar um sonho no centro da casa teria um efeito profilático, já que as pessoas orientariam suas condutas levando em conta o que o sonho pressagia. Se alguém sonha com os inimigos próximos da casa coletiva, as pessoas ficam alertas e não se afastam da casa nem andam desacompanhadas pela floresta. Não significa, contudo, que os sonhos determinem a vida das pessoas: eles servem como orientações e são levados em consideração sobretudo quando se referem a alguma ameaça nefasta (LIMULJA, 2022, p.74).

Além dos sonhos com inimigos, sonhos com animais como cobras e onças constituem o que a autora chama de ameaça nefasta. Esses e outros tipos de sonhos são amplamente debatidos no terceiro capítulo denominado *Os sonhos yanomami*. No capítulo seguinte, *Réquiem para um sonho*, Hanna Limulja nos conta a respeito do *hutu mosi* (Destino e casa dos Yanomami mortos) além de narrar extensivamente o ritual denominado *reahu*. É de grande valor a descrição que a autora faz acerca da relação entre os sonhos dos vivos e os sentimentos dos mortos. Ainda que os mortos exerçam grande poder no referido povo, há um limite imposto pelos indígenas vivos como explicitado no trecho abaixo:

Se, por um lado, o sonho é sempre desencadeado pela vontade de um outro, e o sonhador aparece como uma “presa”, uma vítima, alguém à mercê de um sentimento que lhe é alheio, por outro, o sonhador não está de forma alguma inteiramente subjugado aos sentimentos desse outro. Os vivos resistem aos apelos incessantes desses outros, e é porque resistem que eles podem continuar existindo como Yanomami. Assim, embora a morte seja sempre um desejo que vem de fora, os vivos se negam veementemente a sucumbir a ele. Aos apelos incessantes desses outros, os Yanomami simplesmente respondem: “*Ya nomaimi!, ya temi xoa!*” (Eu não morro, ainda estou vivo) (LIMULJA, 2022, p.145).

No último capítulo *O mito reencontrado: do sonho ao mito e vice-versa*, a autora contempla o leitor com alguns dos episódios míticos yanomami, começando com o mito de origem da noite, o qual está intimamente relacionado ao surgimento dos sonhos. Além disso, Hanna Limulja também nos descreve o entrelaçamento entre sonho, mito e xamanismo:

Em seus sonhos, os xamãs não só veem os mitos se desenrolarem como também podem reelaborar sua própria versão deles, daí uma faz razões da existência de tantas variantes. E mais: pode-se inferir que dificilmente haverá um mito que não tenha sido sonhado. Nesse sentido, todo mito é um sonho (LIMULJA, 2022, p.163).

Por fim, a autora encerra o livro apresentando alguns mitos onde o sonho é parte basilar, como por exemplo, o da jovem indisposta, o qual narra a história de uma moça que está reclusa devido à chegada da primeira menstruação e que sai para dançar com outras mulheres.

É dessa maneira que a obra se insere como uma elogiável etnografia sobre o valor dos sonhos para a comunidade Yanomami. Além de significar o percurso necessário para o conhecimento (o indígena que sonha em demasia é reconhecido como uma pessoa sábia), o ato de sonhar e narrar para o restante da população, os torna um grupo sábio, sobretudo, por salvaguardar a todos diante de todas as ameaças, tanto do plano dos vivos, quanto dos mortos. Em vista disso, o livro apresenta-se também como uma relevante ponte para possíveis diálogos dentro e fora da antropologia, especialmente para a área da psicanálise e seus estudos acerca do funcionamento do inconsciente.